

## Geoffrey West

Eu cresci na costa sul da Inglaterra e, não sei se vocês sabem, na costa sul da Inglaterra tem penhascos brancos.

Você anda por cima deles e pode ver o canal da Mancha em direção à França.

E nós sabíamos que navios, barcos vão para além do horizonte refletindo a cobertura da Terra.

Em uma aula, quando eu tinha 11 ou 12 anos o problema da tarefa era: você sabe qual é o raio da Terra e você está em uma certa altura acima do mar.

Calcule a distância até o horizonte.

Achei maravilhoso.

Achei que fosse impossível, mas eu sentei e consegui usando trigonometria e uma pequena fórmula apareceu dizendo que a distância até o horizonte poderia ser calculada pela altura acima da água e o raio da Terra.

Fiquei maravilhado por poder fazer isso e havia uma qualidade premonitória extraordinária e poderosa, mas que também poderia ser aplicada em qualquer lugar.

Percebi que poderia aplicá-la em qualquer altura acima da água.

De uma maneira obscura e inconsciente, percebi que poderia ser aplicado para qualquer que fosse o raio da Terra.

Então se você estiver sentado em um penhasco em Marte, você pode fazer o mesmo cálculo.

Achei isso tão maravilhoso que isso mudou a minha visão sobre como alguém deve pensar sobre o Universo.

Se olharmos para toda uma gama de tamanhos de organismos, se olharmos para todos os mamíferos, desde o menor até a baleia azul, que é maior do que esta sala, esperaríamos apenas um tipo de estrutura aleatória que é representativa de cada uma das histórias únicas desses organismos.

E o que é maravilhoso nisso é que é justamente o contrário.

Se olharmos para todos os tipos de organismos, peixes, aves, insetos, até células, assim como os mamíferos, vemos o mesmo tipo de comportamento regular.

Então isso provavelmente sugere que houveam alguns princípios físicos de atividade que estavam restringindo a forma como cada um desses organismos evoluíram.

E isso foi o que me animou a pensar sobre sistemas biológicos e tentar encontrar a chave para essa estrutura.

Nós operamos com o coração batendo no centro do sistema, mas as árvores que vemos pelas janelas daqui obviamente não têm corações batendo e a estrutura das redes é bem diferente.

No entanto, a matemática das redes são bem semelhantes.

Foi colocando tudo isso numa moldura e então derivando as consequências disso, mostrando que as leis das escalas e o comportamento universal evoluíram da matemática.

Foi muito natural, uma vez que esse trabalho foi desenvolvido, foi muito natural para nós para que talvez pudéssemos tomar o mesmo paradigma e aplicá-lo em outro lugar, em outros sistemas que estão em rede.

E as mais óbvias são as cidades e empresas, por exemplo, pois ambos são sistemas em rede.

Uma baleia é uma escala da girafa, que é uma escala do ser humano, que é uma escala do camundongo.

A questão é: Nova York é uma escala de Los Angeles, que é uma escala de Chicago, que é uma escala de Santa Fé, que é onde eu moro?

Mesmo que elas pareçam bem diferentes em partes diferentes dos Estados Unidos, elas têm histórias diferentes, até diferentes culturas, geografias diferentes...

Então, começamos uma colaboração que começou a olhar para os dados de cidades.

Qual é a ligação de todas as rodovias?

Qual é a ligação dos cabos de eletricidade?

Quantos postos de gasolina elas têm?

O numero de hospitais...

Qualquer coisa que se possa contar e medir, como isso muda com o tamanho da cidade?

E o que podemos ver é arbitrário?

Em toda parte do mapa?

Quer dizer que cada cidade é bem individual e única, que é como normalmente pensamos nisso, ou será que vemos alguma regularidade que vimos na biologia?

O que descobrimos foram essas regularidades extraordinárias entre as cidades.

E isso nos abriu para o pensamento sobre o desenvolvimento de uma ciência ou teoria das cidades.

Você me diz o tamanho de uma cidade nos Estados Unidos eu diria o comprimento das suas ruas, qual o salario médio, quanto ela está produzindo, o quão a cidade está inovando, etc.

Quantidades socio-econômicas que envolvem interações entre as pessoas aumentadas em aproximadamente 15%, sendo elas boas, ruins ou feias, mas, ao mesmo tempo, infraestrutura, economizam aproximadamente 15% cada vez que se duplicam.

Então você precisa de 15% menos postos de gasolina quando você duplica.

Nesse sentido, não é surpresa que as cidades cresçam.

Porque o que se economiza para a cidade coletiva em infraestrutura que as pessoas percebem que estão tendo mais da cidade, elas estão ganhando altos salários, mais acesso a oportunidades, têm mais interação social, mais casas noturnas, teatros, cinemas, etc.

Todo o resto aumenta e se torna mais atraente, sem esquecer que também ficamos mais sujeitos a mais doenças e crimes.

Cidades estão aí para os seres humanos.

Elas são um produto de nós e são um produto de nossa interação.

Então cidades são um produto da nossa rede social.

E a forma como interagimos uns com os outros formamos grupos e famílias, trabalhos, etc., é bem universal.

Isso não é muito diferente entre Japão e Brasil.

As cidades estão crescendo em uma taxa exponencial.

Se urbanizando em uma taxa equivalente a uma área metropolitana de Nova York ou uma área metropolitana de São Paulo a cada dois meses, o que é extraordinário.

A cada dois meses haverá o equivalente a uma nova São Paulo no planeta.

Isso é extraordinário!

As demandas em energia e recursos diversos, como água, serão fantásticas.

Assim como a ênfase no bem estar social das pessoas.

Eu comecei esse trabalho porque era um resultado natural do trabalho que fiz em biologia.

E para ser honesto, eu não estava muito animado no começo.

Eu só achava que era uma área muito interessante, tomar uma idéia de sucesso na biologia e aplicá-la em outro sistema e ver o que podemos aprender.

Enquanto fazia isso, aprendi o quanto as cidades são críticas para o futuro do planeta.

Acho extremamente importante reconhecer que todos os problemas que temos, possíveis mudanças climáticas, o meio ambiente, questões financeiras, questões para entender riscos, saúde, poluição, doenças, todos são gerados em cidades pois é onde a maior parte das pessoas moram.

80% das pessoas nos Estados Unidos e no Brasil vivem em cidades e isso será assim no planeta.

Cidades são o desafio do século XXI.

Elas são a origem do problema, mas também a origem da solução.

## **Gro Brundtland**

Eu cresci em uma família na qual ambos os meus pais trabalhavam com entusiasmo para o partido trabalhista da Noruega.

Então eu cresci com os valores e quando fiz a minha própria escolha, eu tinha as mesmas opiniões: democracia social.

Então trabalhei na saúde pública.

Um dia fui abordada pelo Primeiro Ministro e ele me convidou para entrar no governo.

Eu tinha 35 anos.

Eu tinha então que tomar uma decisão: “sim ou não” e a minha decisão foi “sim” porque eu não conseguia ver uma mulher jovem dizer “não” enquanto eu vinha argumentando que uma mulher deveria estar inteiramente participando da vida política.

Acho que todos os jovens, dentro ou fora da arena política, têm que fazer uma escolha sobre “quem sou eu?” e “como posso contribuir?”, “o que me faz sentir estar fazendo algo importante?”.

Então você escolhe aquela área, você trabalha nela.

Isso inspira você mesmo, a sua personalidade e inspira os outros.

Se você não está falando de coração e de suas convicções, você nunca será um político que fará uma diferença.

A crise climática é tão fundamental, tão básica, e estamos nela todos juntos.

Ela passa por questões sociais, econômicas e ambientais com as quais nos preocupamos.

Precisamos lidar com ela rapidamente.

As mensagens do relatório do *Our Common Future* (ONU) vieram em 1987, 27 anos atrás.

Rio foi 5 anos depois.

E na Agenda 21, na convenção climática, convenção de biodiversidade, a consciência da realidade já estava lá.

Mas e a implementação?

Isso tem sido devagar.

E tem havido muita discórdia pelo mundo sobre quem é responsável pelo financiamento da nova forma de trabalho na nossa produção e consumo.

Mas eu digo que o mundo está progredindo.

O Climate Summit em Nova York mostrou que nós estamos no caminho da direção correta.

Então estou esperançosa.

Com o apoio da comunidade internacional, a Noruega tem contribuído nos últimos 5 anos para salvar a floresta tropical no Brasil.

Por quê?

Porque é verdade que é uma vegetação importante para o mundo inteiro.

E nós queremos ajudar o Brasil a fazer a coisa certa: salvar o futuro.

É importante que o governo apóie a pesquisa para as novas e necessárias tecnologias. Em segundo lugar, que ele inspire ou até mesmo direcione as empresas através de regulamentações ou por políticas a fazer a coisa certa pelo futuro do país e basicamente para o futuro dessas companhias.

Hoje, as empresas que estão sendo tradicionais, que não estão vendo o futuro, são as que vão perder.

Companhias que são dedicadas e determinadas a ter um futuro com menos carbono elas não querem investir no passado.

Elas querem investir nas futuras tecnologias.

Então as coisas estão indo na direção certa.

Na Noruega, nos temos algumas empresas parcialmente controladas pelo governo como a nossa principal empresa Statoil.

Ela não está sendo dirigida pelo governo ou parlamento, mas ela está seguindo as principais ideias e direções da maior parte das políticas que a Noruega defende, o que a faz ser uma boa empresa que está olhando para o futuro.

Nós precisamos de mais colaboração global.

Em um exemplo da saúde pública, está a crise do vírus Ebola no oeste da África.

O mundo foi muito lento para reagir e notar o perigo.

Agora todos estão conscientes em todo o mundo e todos estão prontos para fazer o que for necessário.

Mas a resposta foi muito lenta.

O mundo poderia ter trabalhado meses antes.

Assimetrias econômicas devem ser superadas.

Deve haver uma abordagem direta para diminuir desigualdades e para melhorar a educação para todos.

Essa é a única maneira para um futuro próspero e decente para o Brasil ou qualquer outro país.

Países que investem em seu povo, mesmo quando são pobres, são os que fazem as melhores histórias de sucesso.

Por exemplo, a Costa Rica, começou a investir em serviços sociais básicos quando eles estavam muito pobres e eles estão comparativamente melhores do que outros países que ainda não estão investindo como deveriam.

O Paquistão e a Índia, hoje, são mais ricos do que a Costa Rica quando ela começou a investir em investimentos sociais gerais.

A complexidade dos temas com os quais todos os governos estão lidando, nem todos os cidadãos que votam conhecem a complexidade.

Eles têm que resumir de alguma forma em quem eles confiam.

É complicado.

Estamos em uma democracia ativa e todos devem ter um certo nível de dignidade e realização para poder participar inteiramente.

Mas quando esse é o caso, temos que pedir para cada ser humano ser parte da solução.

A coisa certa não é ficar apontando para os políticos e culpá-los por tudo.

Estamos em uma sociedade onde o eleitor é parte de toda a solução.

Acho que devemos sempre insistir em todo país e, certamente, em toda democracia.

Somos todos responsáveis.

Algumas pessoas não votam.

Eu não respeito isso, a não ser que elas sejam impedidas de votar.  
Se você nem mesmo toma uma decisão a cada dois ou quatro anos sobre o seu país, sobre a sua comunidade, então você não deveria estar reclamando.

No meu país, as pessoas em geral confiam em seus políticos.  
Eles devem ser responsáveis e transparentes.  
Toda vez em que há um grande debate público antes de uma eleição, muitas pessoas entendem as questões.  
Elas percebem as diferenças entre os partidos, elas obtêm respostas para suas perguntas e elas escolhem.  
Nós tivemos oito anos em dois períodos do partido social-democrata até 2013.  
Ano passado, as pessoas escolheram a centro-direita.  
Eu acredito que eles pensaram que talvez novas ideias, talvez algumas coisas que esses partidos estão dizendo deveriam ser tentadas.  
Elas não estavam decepcionadas com o governo anterior, mas elas queriam mudança.  
Isso é o que aconteceu.  
Mas no caso da Noruega, você não tem muita desconfiança entre os políticos no poder e o povo.  
Então é possível chegar em um nível de educação e consciência que limite essa distância.  
E isso é importante.

## **Salman Rushdie**

Quando comecei como um escritor, por exemplo, quando escrevi *Os Filhos da Meia-Noite*, eu queria primeiro escrever um romance sobre a infância no qual usaria a experiência da minha própria infância em Bombaim na Índia.  
O romance cresceu como o assunto da história ligado a isso, gradualmente, quando eu tive a ideia de que o menino iria evoluir junto com o país.  
Naquele momento o menino e o país meio que se tornaram gêmeos e isso se tornou necessário para contar ambas as histórias, ambas as histórias-gêmeas tinham que ser contadas.  
Então o livro se tornou muito maior do que a minha ideia original.  
Mas pelo menos comecei o livro com a história da minha infância em Bombaim.  
Às vezes eu tive uma inspiração mais ou menos diretamente política.

Quando eu escrevi *Shalimar the Clown*, uma das maiores motivações para tentar escrever foi a tragédia que está acontecendo na Caxemira, de onde a minha família veio originalmente.  
Então às vezes eu tinha uma ideia clara assim.  
Mas o que acontecia cada vez mais é que eu seguia fios de ideias e tentava ver aonde elas iam chegar.

Algo que é muito interessante agora é o surgimento de uma geração de jovens escritores no Paquistão de um enorme talento.  
Nós sabemos que desde os anos 80 havia um *boom* literário na Índia, de escritores que escreviam em inglês, então muitos escritores surgiram.  
Mas no Paquistão isso não tinha acontecido por um momento.  
E agora, nessa geração, acho que os escritores do Paquistão são mais interessantes que os da Índia.  
E o Paquistão é um país muito assustador, muito repressivo.  
O Islã é cada vez mais poderoso, a intolerância está cada vez maior e a violência está maior.  
Mesmo assim, temos essa geração de jovens escritores escrevendo muito corajosamente

abordando os assuntos de seu país de forma direta.  
Podemos nomear um ótimo escritor, Mohammed Hanif.  
Tem uma mulher chamada Kamila Shamsie, tem um escritor de nacionalidade meio paquistanesa, meio americana, Daniyal Mueenuddin.  
Tem um outro escritor, Nadeem Aslam, muito talentoso.  
Então existem quatro, cinco, seis escritores muito talentosos que não parecem se autocensurar e acho isso muito louvável.

Não sou um grande fã da tese de Huntington porque eu acho que simplifica demais.  
A tese de Huntington essencialmente acredita que há uma cultura monolítica, que é o Ocidente e tem uma outra cultura monolítica que é o Islã, e que ambas estão em colisão.

É obviamente verdade que há um tipo de Ocidente que está em conflito com um tipo de Islã.  
Há certamente um tipo de Islã fanático que é hostil em relação ao Ocidente.  
E tem havido uma resposta militante e militarizada ocidental a isso.  
Isso é obviamente verdade, não podemos negar.  
Mas o Ocidente não é uma coisa só, o Ocidente é muitas coisas diferentes.  
E há muitas discussões, conflitos e desavenças dentro do Ocidente.  
Inclusive em relação a como ele deve responder ao Islã.

O mundo muçulmano também é muito fraturado e de forma alguma monolítico.  
Se olharmos o que acontece em termos de conflito, a maior parte dos conflitos são entre muçulmanos.  
A maior parte deles é entre sunitas e xiitas e assim por diante.  
Então eu acho que é muito fácil dizer que existem esses dois grandes blocos como dois touros gigantes atacando um ao outro.  
Os blocos não existem.  
Eles são muito mais fragmentados que isso.  
Para entender o que está acontecendo no mundo temos que olhar para essa fragmentação.  
Temos que olhar para ela com mais nuance.  
Por isso que não concordo com a tese de Huntington, pois ela não tem essa nuance.

Eu realmente acho que ainda não descobrimos as novas formas que serão possibilitadas pela internet.  
Mas é óbvio que sempre que uma nova mídia começa a existir, seja ela impressa ou rádio, cinema ou televisão, isso sempre possibilita novas formas artísticas.  
A internet é um grande salto e é a mídia mais importante a ser inventada desde o filme.  
Mas sinto que até agora o trabalho literário que tem sido feito até agora *online* não tem grande qualidade ou é na verdade uma versão da cultura impressa.  
Não é, de alguma forma, intrínseca à internet.  
Em outros campos, como a fotografia e artes visuais, etc., artistas visuais começaram a usar muito mais as ferramentas da internet e da tecnologia digital.  
E eu acho que a maior parte dos artistas visuais agora faz algum trabalho digital junto com o que eles já fazem.  
E eu acho que eles acham novas possibilidades nesse campo.  
Então acho que nas artes visuais já dá para ver o desenvolvimento de novas ideias e de novas possibilidades vindas da tecnologia digital e da *web*.  
Na literatura, ainda não vejo isso.  
Acho que é só uma questão de tempo.

Afinal, tudo isso é muito novo.  
Até o Google tem apenas 15 anos.  
Então estamos na infância da internet.

Eu pensava muito na história de Borges, O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam, no qual ele fala de alguém tentando escrever um livro em que cada possibilidade de cada ação é explorada. O livro se bifurca como uma explosão nuclear.  
Sempre achei que isso era quase uma metáfora da internet.  
Porque a criação do *hyperlink* possibilita contar uma história lateralmente e não contar uma história do começo ao fim, mas contar uma história através de várias possibilidades na qual o leitor pode fazer uma escolha do caminho pela história.  
Acho que a internet é um mundo muito borgiano.  
Acho que Borges teria adorado.  
Acho que, de muitas formas, ele sonhou com isso naquela história muito antes que ela se tornasse realidade.

Um dos grandes aspectos da literatura é que ela ignora fronteiras nacionais.  
Como um escritor latino-americano, alguém pode ser influenciado por escritores franceses ou americanos como Gabriel Garcia Marquez, que sempre falava da importância de William Faulkner para sua escrita.  
Eu acho que a maioria dos escritores, inclusive eu, lemos muito amplamente.  
Nós não lemos somente o que vem do nosso próprio país ou própria cultura, mas amplamente do mundo.  
Nós achamos inspiração onde quer que ela esteja.  
Alguns dos romances que mais admiro são japoneses.  
Eu adoro trabalhos como do autor Tanizaki, por exemplo.  
Alguns dos livros que mais admiro são russos.  
E eu não falo uma palavra de japonês ou russo, mas adoro ler Gogol, Bulgakov, escritores assim.  
Então eu acho que a maioria dos escritores, inclusive eu, somos muito conscientes da tradição.  
A literatura vem parcialmente da vida, ela vem parcialmente das experiências e conhecimentos do escritor e vem parcialmente de outros livros, da leitura.  
E é essa combinação de onde você acha que está na tradição da literatura.  
Essa é uma parte e a outra parte é como você vê o mundo pela janela.  
E essas duas coisas vão juntas para criar o seu próprio trabalho particular.

## **Michael Sandel**

Eu cheguei à filosofia por um interesse em política.  
Quando eu era criança, eu sempre me interessei em campanhas políticas, eleições e debates durante as eleições.  
Eu participava de debates no ensino médio.  
Então, quando entrei na faculdade, fiz um curso de filosofia política, mas não conseguia entender aquilo.  
Eles nos davam livros de filósofos famosos, Platão e Aristóteles, mas eles me pareciam muito abstratos e distantes das coisas com as quais me importava.  
Eu não conseguia entender muito bem.  
Então eu deixei a filosofia de lado por um tempo e estudei o que achava mais prático: política, história, economia...  
E então na pós-graduação, comecei a ler filosofia moral e política e me tornei apegado a isso,

fascinado.

Mas eu sempre queria conectar a filosofia com o mundo.

Mostrar que as ideias abstratas que os filósofos famosos discutiam estão na verdade presentes apenas debaixo da superfície nas verdadeiras discussões e debates que temos todos os dias na nossa vida pública e nas nossas vidas pessoais.

Eu realmente acho que quanto mais vivemos a vida, nós realmente encontramos com muita frequência verdadeiros paradoxos e dilemas, dilemas éticos, para os quais não há uma resposta clara.

É verdade que, quando eu ensino filosofia política, eu tento introduzir os alunos à disciplina começando com dilemas hipotéticos, dilemas éticos sobre bondes e sobre quantas pessoas você salvaria em uma emergência.

O motivo para começar com histórias hipotéticas, e até fantásticas, é uma maneira de convidar os estudantes a pensar criticamente sobre as suas próprias suposições filosóficas.

E então gradualmente nós lidamos com dilemas éticos que são muito mais próximos de casa, questões sobre igualdade e desigualdade nas nossas sociedades, quem merece o quê e por quê, como a renda e a riqueza, poder e oportunidades deveriam ser distribuídos.

Essas duas questões são controversas, que envolvem dilemas éticos.

Mas elas são muito reais.

E então chegamos a questões ainda mais pessoais, como, por exemplo, como os alunos deveriam ser selecionados para a universidade?

Deveria ser baseado em notas? Ou será que a diversidade étnica e geográfica deveria contar também?

E o casamento homossexual?

Então chegamos a questões mais pessoais conforme o semestre avança porque assim os alunos criam o hábito de raciocinar juntos, pensar juntos sobre algumas dessas questões filosóficas.

Eu não acho que podemos completamente negligenciar a ênfase de Aristóteles em honra e reconhecimento, o que aparece várias vezes na vida política e em debates políticos.

Também acho que não podemos negligenciar a ideia dele, de que para raciocinar sobre justiça e direitos precisamos raciocinar e discutir sobre a felicidade, sobre o que faz uma vida humana boa, o que é necessário para o florescimento humano.

Nós tendemos a diminuir esses debates hoje porque dizemos que em sociedades pluralistas as pessoas discordam sobre a melhor maneira de viver, sobre no que consiste o florescimento humano.

Então tentamos deixar essas questões fora da política.

Mas eu acho isso um erro.

É por isso que vejo Aristóteles como um importante corretor dessa nossa tendência de deixar de lado reflexões sérias e a deliberação pública sobre o significado da felicidade.

No meu livro *What Money Can't Buy* eu faço a seguinte pergunta: qual deveria ser o papel do dinheiro e dos mercados em nossas sociedades?

Hoje em dia há cada vez menos coisas que o dinheiro não possa comprar.

Em décadas recentes o pensamento e os valores dos mercados começaram a ir além dos bens materiais.

E começou a dominar outros aspectos da vida social: vida familiar e vida pessoal, saúde, educação, vida cívica.

É sobre isso que estamos raciocinando.

Eu não argumento contra os mercados.



Eu argumento contra a tendência do pensamento de mercado dominar a vida social em geral de uma forma que nos aproximou, em décadas recentes, de economias de mercado e se tornando sociedades de mercado.

A diferença é esta: a economia de mercado é a ferramenta.

Uma ferramenta valiosa e efetiva para organizar a atividade produtiva.

E a economia de mercado trouxe afluência e prosperidade para países do mundo inteiro.

Mas uma sociedade de mercado é uma sociedade onde tudo está à venda.

É um modo de vida, na qual os valores de mercado começam a dominar cada esfera da vida.

Então acho que o nosso desafio é tentar manter em mente a diferença entre os dois.

É pegar os benefícios de ter economias de mercado como ferramentas e não permitir que a ferramenta e a forma de pensar dominem todas as relações humanas e toda a vida social.

Quero enfatizar que eu não sou contra os mercados.

Sou a favor de manter os mercados em seu lugar apropriado e de ter o debate público de que precisamos para entendermos qual é esse lugar.

Existem duas razões para se preocupar com a diferença entre ricos e pobres.

Uma razão é a justiça.

Algumas pessoas são impedidas de ter acesso a necessidades humanas básicas por causa da pobreza.

Isso é um problema de justiça e é um problema ético.

Toda sociedade deve tentar lidar com a pobreza levantando as pessoas para serem capazes de viverem uma vida digna.

Mas há uma segunda razão para se preocupar com uma diferença muito grande entre ricos e pobres, além da questão de justiça, além da questão de aliviar a pobreza, e isso tem a ver com comunidade, a coesão social, com o senso de que estamos todos juntos nela, de que compartilhamos uma vida em comum.

Uma diferença grande demais entre ricos e pobres pode ser corrosiva dos laços, dos laços sociais, dos laços morais, que mantêm as sociedades juntas.

O Brasil é uma sociedade multiétnica e multicultural como os Estados Unidos.

O desafio da vida feliz em comum, de criar um senso compartilhado de cidadania,

de obrigação mútua, esse é um grande desafio para sociedades multiétnicas e multiculturais como as nossas.

E é um desafio que é aprofundado e mais difícil quanto maior for a desigualdade.

Porque quando as desigualdades são grandes demais, os que são afluentes e os que são pobres, ou modestos, começam a viver vidas separadas.

Isso significa que há cada vez menos espaços públicos, espaços comuns, onde um encontra o outro de origens diferentes, de diferentes vidas.

Então eu acho que um dos desafios além de aliviar a pobreza, o que é uma imperativa moral, mas o desafio mais profundo é tentar criar a infraestrutura, a infraestrutura cívica de uma vida pública compartilhada para que pessoas de origens econômicas e sociais diferentes se encontrem no curso ordinário de suas vidas pois isso é uma importante fonte de comunidade que nos mantém juntos enquanto sociedades e nos dá um senso de responsabilidade mútua como cidadãos.

Nas democracias pelo mundo hoje o que é chocante é o quanto a frustração está espalhada, e o descontentamento com os partidos e sistemas políticos, com os sistemas políticos estabelecidos.

Nós vemos isso no Brasil e em formas diferentes nos Estados Unidos e na Europa.

Uma insatisfação crescente, não apenas com os políticos, mas com os termos do discurso público.

Eu acho que uma das razões para o descontentamento generalizado na maioria das sociedades democráticas, é que o discurso público está empobrecido, está vazio, oco, vazio de propósitos morais amplos.

As pessoas querem que a política e o discurso público sejam sobre coisas grandes.

E elas querem que o discurso público se direcione a questões éticas difíceis.

Questões de justiça, igualdade e desigualdade, o que queremos como cidadãos.

Essas são questões inevitavelmente sobre valores.

E há também a questão iminente da corrupção.

Corrupção na política, nos negócios...

O que pode ser feito em relação a isso?

Eu acho que a frustração com a política é que os cidadãos não sentem que os políticos dos partidos estabelecidos estão ouvindo ou se dirigindo às questões mais importantes.

Eu li e acompanhei as demonstrações no Brasil, algumas se tornaram violentas, o que é deplorável.

Mas o impulso, o impulso pacífico ao qual estou me referindo, de ir para as ruas poderia potencialmente chegar a um ativismo cívico saudável.

Enquanto observador, estou acompanhando com muito interesse para ver como a democracia se desenrola e idealmente se aprofunda e se desenvolve no Brasil.

Não é fácil responder à pergunta: qual é questão moral mais importante do nosso tempo?

Mas uma maneira de pensar nisso é olhando para trás historicamente, quais eram os pontos cegos morais de eras precedentes?

Uma delas foi a aceitação da escravidão durante a história da humanidade e outra foi a subordinação da mulher durante a maior parte da história.

Eu acho que daqui a cem anos, quando olharmos para o nosso tempo, o único desafio moral que aparecerá de uma distância será a grande desigualdade entre ricos e pobres.

Nós alcançamos no mundo inteiro em décadas recentes bastante afluência e prosperidade e, ainda assim, a diferença entre ricos e pobres entre países e dentro dos países cresceu.

Eu acho que o maior desafio moral que encontramos hoje é tentar fazer algo para aliviar a diferença enorme entre ricos e pobres.

Se eu puder adicionar um segundo desafio moral, e ele está conectado, seria realizar a promessa da democracia na vida democrática.

É algo a mais do que apenas votar.

Eleições são importantes.

Mas aprofundar a democracia nas nossas sociedades para que ela seja uma ocasião e um instrumento de educação cívica.

A democracia, no seu auge, cultiva o caráter dos seus cidadãos.

Ela nos ensina a nos importarmos com o destino dos outros, além do nosso, a participar de uma vida comum, a tomar responsabilidade por nossos concidadãos.

Então, de alguma forma, esses dois desafios morais estão conectados.

Porque eu acho que, conforme a democracia se aprofunda e se torna um projeto cívico, não apenas uma maneira de registrar as nossas preferências no dia da eleição, ela nos forçará a pensar e a direcionar as vastas disparidades de renda, riqueza, poder e oportunidades que continuam a descrever tanto do nosso mundo e das nossas vidas públicas.